

Brasília – Davi Zocoli



Armados e entoando cânticos de guerra, índios bloqueiam a portaria da sede da Funai, impedindo a entrada dos funcionários.

Índios ocupam sede da Funai

■ Protesto termina com promessa de que órgão terá novo presidente em dez dias

VILMA SILVEIRA

BRASÍLIA – Cerca de 200 índios de tribos como fulni-ô, macuxi, terena, caiapó e xavante ocuparam ontem o prédio da Fundação Nacional do Índio (Funai), para exigir a nomeação do novo presidente do órgão. O cargo está vago desde 22 de abril, quando Frederico Marés de Souza Filho se demitiu, em protesto contra o uso da Polícia Militar para dissolver uma manifestação de índios em Porto Seguro (BA), na comemoração dos 500 anos do Descobrimento.

Os índios chegaram à sede da Funai por volta de 6h da manhã e só liberaram a portaria às 14h, depois de negociação, que durou cerca de uma hora e meia, com o presidente interino, Roque de Barros Laraia, e o assessor da secretaria-executiva do Ministério da Justiça, Celso Lourenço Moreira Corrêa. O representante do ministério prometeu que a nomeação do novo

presidente da Funai será feita em, no máximo, dez dias.

Bloqueio – Armados de bordunas e flechas, cerca de 30 índios bloquearam a portaria do prédio. Pintados para a guerra, eles cantaram e dançaram. O funcionário José Augusto Pereira apoiou os índios. “Eles estão fazendo o que os funcionários não tiveram coragem de fazer, porque a insatisfação dos servidores é grande”, disse.

O assessor Celso Corrêa prometeu que até o fim da semana que vem, ou início da seguinte, o ministro da Justiça, José Gregori, escolherá o presidente da Funai. “Vamos esperar no máximo dez dias e confiar na palavra do Celso”, disse o cacique xavante Voapariá, de Mato Grosso.

“A gente não pode fazer a escolha de qualquer maneira, para daí a três ou quatro meses ter de fazer outra escolha”, explicou o assessor. Segundo Corrêa, as sucessivas mudanças na presidência da Funai têm dificultado

a continuidade administrativa. “A escolha do presidente da Funai é uma das coisas mais difíceis e sérias dentro do governo”, afirmou.

Estatuto – O assessor foi chamado de mentiroso por João Caiapó, do Sul do Pará, porque falara das vantagens do projeto do novo Estatuto do Índio. João Caiapó disse que o estatuto permite a invasão das terras indígenas por garimpeiros e madeiras. Outra preocupação é com o fim da tutela do Estado sobre os índios. Corrêa disse que o novo estatuto não extingue a tutela, apenas abandona a concepção, oriunda do Código Penal de 1916, de que o índio é incapaz e por isso não pode firmar contrato. “Foi retirada a anuência da Funai para tudo”, afirmou.

Os índios pedem mais tempo para discutir o projeto do estatuto. Gilberto Macuxi, de Roraima, chegou a sugerir a realização de um congresso nacional para discutir o projeto. Os índios pe-

diram também que a assistência médica volte para a responsabilidade da Funai. Em agosto de 1999, o atendimento às comunidades indígenas foi transferido para a Fundação Nacional da Saúde. “Queremos a volta da saúde para a Funai, que é melhor para as comunidades. A gente era mais bem tratado”, disse. Evi-lázio Pereira, índio fulni-ô, representante da Confederação Nacional dos Povos Indígenas.

Nomes – O ministro José Gregori, segundo funcionários do Ministério, queria que Rôque Laraia fosse efetivado na presidência da Funai. O entendimento é de que Laraia já trabalha na Funai e sua escolha permitiria uma transição “menos complicada”. Laraia não quer o cargo. Ele disse que quando assumiu interinamente a Funai, em 26 de abril, pediu ao ministro que fosse por um período curto. O ministro sonda outros nomes e ontem esteve no Rio de Janeiro tratando do assunto.